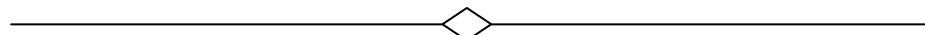


Por uma teoria da expectativa

Towards a Theory of Expectation

Luiz Carlos Cagliari

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – São Paulo – São Paulo – Brasil



Resumo: A finalidade deste artigo é mostrar uma investigação semântica cognitiva sobre a ideia de expectativa, definida como um construto mental que organiza o pensamento e serve de motivação específica para a comunicação. A expectativa pode ser gerada na mente do falante e do ouvinte. Pode ser verbalizada ou não. Com relação a seu conteúdo, nem sempre se realiza, podendo trazer frustrações no processo comunicativo. Este estudo da expectativa sugere que é útil constituir uma teoria para explicar aspectos que outras abordagens deixam de lado. A metodologia usada privilegiou o levantamento de dados relacionados com o fenômeno estudado e os procedimentos explicativos dentro de uma abordagem cognitiva. Os enunciados são diretamente dependentes de como a mente funciona. Assim, ao estudar a fala, podemos ter acesso à mente das pessoas. A ideia de expectativa pode ser interpretada sob diferentes rótulos da semântica tradicional. Porém, há peculiaridades que só podem ser explicadas através de uma abordagem cognitiva da linguagem. Encontramos palavras e expressões nas línguas que revelam a presença de uma expectativa, como "eu acho que...", "houve uma expectativa a respeito de...". Espera-se que toda resposta leve em conta alguma expectativa. Esta investigação trouxe evidências de que a expectativa mental é essencial ao ato de comunicação. Portanto, o estudo da expectativa nas línguas e na mente das pessoas é importante para as pesquisas em semântica cognitiva.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva. Expectativa. Subentendidos. Mente.

Abstract: The aim of this paper is to show a cognitive semantic investigation on the idea of expectation, defined as a mental construct which organizes the thinking and works as specific motivation in the process of communication. Expectation is an idea that may be created in the speaker's or in the listener's mind. It may be verbalized or not. Its semantic information may not be realized in real life, bringing frustration to communication. This study of expectation suggested that it is useful to have a theory to explain what other approaches left over. The working methodology focused in the gathering of data related to the phenomenon and the procedures to explain them inside a cognitive approach. The utterances are directly dependent of how the mind works. Therefore, studying speech we can have an access to people's mind. The idea of expectation may be interpreted under different traditional semantic labels. However, there are some peculiarities that can be explained only by a cognitive approach to language. We find words and phrases in the languages which reveal the presence of an expectation, such as "I think that...", "there has been an expectation about..." All answers are expected to fulfill an expectation. This investigation brought evidence that the mental expectation is essential to the act of communication. Therefore, the study of expectation in languages and in people's mind is important for the researches on cognitive semantics.

Keywords: Cognitive Semantics. Expectation. Implicitness. Mind.

1 A motivação

A linguagem é como um caleidoscópio que permite ver uma realidade de muitas maneiras: os ingredientes estão lá, mas, dependendo de como mexemos nessa realidade, ela se apresenta de modo diferente. Estamos tão acostumados com os diferentes usos da linguagem que não prestamos mais atenção a detalhes. Mesmo um linguista experiente surpreende-se, às vezes, com aspectos da linguagem com os quais não tinha prestado a devida atenção. Um semanticista está acostumado com a análise de pressupostos, implicaturas, conhecimentos de mundo, atos de fala, subentendidos, de tal modo que o literal lhe parece apenas como um motivo para outros significados da linguagem, nem sempre sendo o significado mais importante dos enunciados. Apesar dessa visão microscópica do sentido dos enunciados, às vezes, percebemos que há mais coisas que ainda não definimos. Na verdade, nos contentamos com os sentidos mais óbvios das palavras e das frases. A expectativa é um desses casos que encontramos a todo instante, mas que não tem despertado uma atenção especial dos linguistas. Basta ver alguns exemplos, para introduzir o que se pretende desenvolver no presente trabalho. Podemos começar com a piada do balonista:

Numa velha piada, com muitas versões diferentes, um sujeito intrépido e ambicioso se meteu a voar em um balão mesmo sem ter grande experiência em pilotagem. Para seu azar, foi logo colhido por um vendaval e levado a um local remoto e desconhecido. [S] Não tão longe do solo, perguntou onde estava a um transeunte. “Você está a 12 metros de altura, dentro de um balão”, foi a resposta. “Você, pelo jeito, é estatístico ou contador”, disse irritado, o balonista. “Sua resposta é perfeitamente precisa e absolutamente inútil.” “E você, obviamente é um economista”, retrucou o outro. “Não sabe como veio parar aqui, não consegue chegar aonde quer e já começou a brigar com a estatística” (PATU, 2014, p. 2).

Nessa piada, vemos que as pessoas não só dizem coisas, mas o fazem guiadas por certas expectativas. Essa motivação vem, geralmente, do conhecimento de mundo que as pessoas têm: num

mundo x, as coisas acontecem de acordo com o mundo x. Quando vivemos em uma sociedade, sabemos o que as pessoas esperam encontrar na vida, inclusive com relação aos usos da linguagem. Toda pergunta é motivada por uma expectativa de resposta. Portanto, na mente das pessoas, a linguagem organiza-se também em função de expectativas.

Quando alguém diz “há boa expectativa com relação à atuação do Brasil na Copa de 2014”, isso significa que se espera que o Brasil vá bem na competição. Os fatos irão provar se a expectativa se confirmou ou não. Toda frustração é uma expectativa não realizada. Quando o Brasil perdeu de 7 a 1 para a Alemanha, na Copa, houve uma frustração, porque ninguém esperava um placar daquele. Podemos acrescentar muitos fatos que mostram que, através da linguagem, dando suporte ao pensamento, existe um processo cognitivo que identificamos, em termos gerais, como expectativa.

Numa primeira abordagem, vemos que há expectativas de vários tipos e graus. Há expectativas que são facilmente compartilhadas por grupos de pessoas e expectativas que são elaboradas na mente de indivíduos. Há expectativas que acabam mostrando uma realidade acontecida, como há expectativas que revelam uma frustração do que a pessoa pensava. Uma expectativa surge em função de compartilhamento de ideias de um grupo de pessoas ou em função de algum conhecimento de uma pessoa a respeito de um determinado assunto ou evento. Certamente, há, ainda, expectativas esperançosas, muitas vezes, fruto da imaginação e, não raramente, de superstição e de desejos.

2 Objetivos e procedimentos metodológicos

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer que o presente trabalho é um esforço inicial no sentido de juntar ideias sobre as relações entre a linguagem e o funcionamento linguístico da mente. Ainda não se propõe uma metodologia específica para trabalhos, apenas se apresentam alguns exemplos com comentários. Ao final, o leitor, certamente, terá

condições de fazer investigações semelhantes, de descobrir novos fatos relevantes, contribuindo para a construção de uma teoria que aparece aqui apenas esboçada. Como metodologia provisória, o presente trabalho vai procurar dados relevantes e, a partir de uma análise linguístico-cognitiva, juntar informações a respeito da natureza linguística da expectativa.

O primeiro objetivo e tarefa é identificar um problema de análise, em que a noção de expectativa aparece. O passo seguinte é formular uma explicação. A soma de fatos analisados permitirá formular explicações para o esboço de uma primeira versão de uma teoria abrangente sobre a expectativa. Uma vez que a mente não pode ser acessada diretamente, é através das expressões linguísticas das línguas que podemos refletir sobre o comportamento da mente. Essa ligação entre linguagem e mente tem sido uma preocupação direta ou indireta de toda investigação linguística. Como o objetivo é investigar algo que se passa na mente das pessoas e só aparece nos enunciados, quando declarado explicitamente através de expressões apropriadas, o presente trabalho insere-se no campo mais geral da Linguística Cognitiva (FELTES, 2007). Portanto, a busca por palavras e expressões que introduzam ou mostrem a expectativa é um procedimento metodológico importante para a elaboração da teoria. Finalmente, é preciso juntar todas essas investigações e estabelecer um conjunto estruturado de unidades e de regras, de categorias e de funções, em seus diferentes contextos de uso. No presente caso, o foco do trabalho é a natureza semântica cognitiva do fenômeno, mas logo se percebe que a expectativa é um fenômeno muito abrangente, sendo, por exemplo, o motivador para todo tipo de discurso.

3 Os estudos de semântica

A semântica tradicional (LYONS, 1996; DUCROT, 1972; CHIERCHIA, 2003; CANÇADO, 2005) tem trabalhado com o significado linguístico em muitas dimensões. A questão do significado lexical tem sido explorada pela lexicologia e lexicografia. Fenômenos como sinonímia, ambiguidade,

polissemia, paráfrase, contradição, antonímia, duplicidade de sentido, entre outros, ajudam a moldar o significado das palavras, como informação semântica específica dos itens lexicais. Em uma dimensão maior, da sentença, outros fenômenos foram definidos, como o acarretamento, a pressuposição, operadores argumentativos, papéis semânticos, o escopo, entre outros. Com o desenvolvimento da pragmática (SEARLE, 1969; LEVINSON, 1983), outras observações a respeito do significado linguístico foram exploradas, como as implicaturas, os atos de fala, a anáfora, a dêixis, entre outros. Todos esses fenômenos semânticos e pragmáticos têm uma relação direta com a referência e os usos da linguagem, ou seja, procuram uma adequação entre o linguístico e a realidade. Dentro dessa perspectiva, podemos citar toda a semântica lógica, formal com os mesmos objetivos. Numa abordagem mentalista, atualmente conhecida como semântica cognitiva, alguns fenômenos semânticos assumiram uma dimensão diferente das abordagens anteriores. Os estudos da metáfora (LAKOFF, JOHNSON 1980) projetaram uma dimensão nova na interpretação do sentido das palavras e dos enunciados. As ideias de categorização mental, protótipos, frames, blending, os esquemas mentais (FAUCONNIER, TURNER, 2002), entre outros, vieram mudar o modo como passamos a interpretar o significado linguístico das palavras e dos enunciados. A Linguística Cognitiva não mudou o que pensamos, mas como pensamos (FILLMORE, 1982). Por isso, a linguagem que conhecemos e que estamos acostumados a estudar passou por uma renovação. Com essa atualização, os estudos sobre a mente ficaram em evidência nos estudos linguísticos atuais.

Em todas essas abordagens e teorias, existe sempre um elemento linguístico que justifica a interpretação do significado das palavras ou do sentido do texto. A pragmática mostrou como, em muitos casos, o uso linguístico da fala em situações bem determinadas define o sentido final, às vezes, alterando valores literais, lógicos, pressupostos ou apenas conotativos.

Enfim, os semanticistas antigos e novos cercaram o significado linguístico de muitas maneiras, explicaram como ele funciona no sistema da língua, reconhecendo valores determinados pelas línguas ou valores universais, oriundos diretamente da faculdade da linguagem. As muitas teorias desenvolveram processos explicativos de várias naturezas, alguns baseados numa intuição dos falantes ou mesmo numa lógica idealizada ou matemática, outros, em mecanismos estruturalistas ou gerativistas, com teorias bem definidas. No geral, explicaram o dito e o não dito escondido nas tramas da linguagem.

4 Mente e linguagem

Como não sabemos realmente como a mente é, só nos resta fazer especulações e hipóteses, concluindo que a mente é um axioma ou postulado¹. O que pode ser investigado biofisiicamente é o cérebro e o DNA. O cérebro apenas nos conecta com o mundo externo, recebe informações dos sentidos, organiza um arquivo de memória e manda informações para a manutenção da vida. A mente está em outro nível. Para o ser humano, a questão da mente está intimamente ligada à linguagem, podendo mesmo ser identificada com a faculdade da linguagem. Nesse sentido, a mente é o que é a linguagem é, e as línguas nada mais são do que as expressões externas da linguagem geradas pela mente.

Um resultado evidente de como a teoria da expectativa funciona na mente é tipicamente revelado na interação linguística, através de um diálogo ou de um discurso. Esse resultado, porém, não é motivado pela fala nem pelo uso ou contexto. É algo que pode existir apenas na mente das pessoas. Nada precisa ser falado. Todavia o que é falado tem como motivação uma expectativa, caso contrário não faria sentido dizer alguma coisa. Mesmo uma simples informação, como dizer que está chovendo, não

apenas informa algo, traz sentidos implícitos, mas aconteceu porque o falante acreditava (tinha expectativa) de que seria importante dizer o que disse, do modo como disse. Além de dizer, ele tinha uma motivação para dizer. Como acontece com toda pergunta, o enunciado acima também espera uma reação na mente do interlocutor. Este, por exemplo, pode se perguntar (expectativa declarada) por que seu interlocutor disse aquilo, daquele jeito, se aparentemente, não há nenhuma razão para ele dizer o que disse naquela circunstância. Ou seja, falante e ouvinte estão a todo o momento envolvidos por expectativas. A linguagem só existe motivada por expectativas interativas.

Tal processo mental pode também ser evidenciado através de comportamentos resultantes da interpretação da expectativa. Por exemplo, quando alguém diz que a morte de John Lennon (1980) foi motivada pela leitura de um romance "O apanhador no campo de centeio" de Salinger (1951), ele quis dizer que o assassinato não tinha nenhuma justificativa lógica: o romance não induz a matar John Lennon (ou outras pessoas). Foi simplesmente um ato fruto de um pensamento do assassino, motivado por expectativas que só existiam em sua mente. A morte do músico foi mais chocante para as pessoas, porque ninguém tinha as expectativas do assassino, não passava pela mente de ninguém cometer aquele crime.

A expectativa comanda muito frequentemente o comportamento linguístico e de vida das pessoas, no dia a dia. As pessoas falam coisas sem sentido, agem de modo inesperado, interpretam mal, achando, num primeiro momento, que está tudo claro, certo, nos devidos lugares e bem explicados. A julgar do ponto de vista dos sistemas das línguas e da linguagem, essas realizações são tratadas como "lixo linguístico", um comportamento agramatical que beira à insanidade. É por essa razão que vamos encontrar entre os psicólogos os que mais têm se interessado por esses casos. Porém, os psicólogos tendem a ver isso de um ponto de vista apenas comportamental. No entanto, esse tipo de fato, sem ser patológico, é muito comum na vida das pessoas, e pode ser encontrado com muito mais frequência do que imaginamos. Pode-

¹"AXIOMA: Premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, porém ela mesma indemonstrável, originada, segundo a tradição racionalista, de princípios inatos da consciência ou, segundo os empiristas, de generalizações da observação empírica" (HOUAISS, 2004, p.360). "POSTULADO: afirmação ou fato admitido sem necessidade de demonstração" (HOUAISS, 2004, p. 2272).

se mesmo dizer que todo ato comportamental requer uma expectativa como motivação para sua realização.

5 Introdutores de expectativa

Uma vez que devemos procurar a expectativa nas expressões linguísticas, se faz necessário um levantamento delas. Esses dados podem ser analisados em categorias, mas isto não será feito no presente trabalho. Assim, os dados servem mais como exemplos de ocorrências e de contextos onde procurar algo que introduz a ideia de expectativa. Uma relação parcial deles é apresentada a seguir:

a) Verbos como: "eu acho que..., eu penso que..., eu aposto que..., eu acredito que...", etc. Esses verbos tornam explícitos os pensamentos aceitos como expectativas. Eles não trazem uma informação real, acontecida, mas que o falante julga que vai acontecer por uma expectativa, aceita por ele como uma probabilidade de ocorrência. Exemplos:

Eu penso que vai chover no domingo.

Daniel acreditava que Davi ia ser músico profissional.

Aposto que você tem dúvidas sobre este trabalho.

b) Palavras como: "expectativa, frustração, medo, esperança, profecia, adivinhação, pressentimento", etc. Essas expressões revelam ideias que estão na mente do falante como uma avaliação de algo que pode acontecer e, em geral, se acontecer, não será uma boa notícia. Exemplos:

Meu pressentimento é que a firma vai falir.

Artur tem a expectativa de conseguir viajar a Londres, neste ano.

Meu medo é que Sônia peça demissão.

c) Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais trazem consigo uma expectativa carregada pela oração principal. Exemplos:

Quando a Alessandra vier nos visitar, vai querer ir ao clube.

O pai não reclama, se a comida não tiver pouco sal.

Ninguém gosta de você, porque você não se cuida.

d) Provérbios, piadas, superstições, crenças e credências, etc. Esse tipo de enunciado trabalha especificamente com expectativas. As piadas precisam introduzir uma expectativa, que será frustrada, gerando o riso. Algumas expectativas são manifestadas através de ações, como quando um jogador de futebol se benze ao entrar no gramado, achando que isso muda o resultado do jogo a seu favor. Exemplos:

Tempo é dinheiro.

Não diga a palavra diabo, senão você vai para o inferno.

Comer carne na sexta-feira traz desgraça.

e) Toda pergunta implica em uma expectativa na resposta. Se não houver uma expectativa de resposta, não faz sentido fazer a pergunta. Perguntas semânticas ou retóricas mostram que o falante tem uma expectativa na sua mente, mas não lhe interessa a resposta de seu interlocutor. Algumas perguntas não esperam uma resposta exata, mas induzem o ouvinte a pensar a respeito de alguma coisa. Exemplos:

Quem será o próximo Presidente do Brasil?

Você gosta de café com leite?

A empregada nunca trabalha aos domingos, não é?

f) As emoções são um campo fértil de investigação semântica. Como a expectativa, a emoção vai além da comunicação das palavras e dos enunciados. Traz consigo as atitudes do falante para dentro da fala. Essas atitudes, como raiva, ódio, indiferença, tristeza, etc. são justificadas na linguagem porque revelam expectativas.

6 O informado e o não informado

Como a linguagem é um sistema complexo, ela apresenta inúmeras variáveis e elementos que não

permitem uma análise única e abrangente, mas uma série de análises específicas, cada uma destacando um campo limitado de investigação. Uma retrospectiva sobre os estudos semânticos mostra como a questão do significado tem sido abordada de inúmeras maneiras, tem gerado teorias diferentes e, não raras vezes, se concentrado no estudo de tópicos: a semântica lexical, a semântica lógica, a semântica cognitiva, os atos de fala, as implicaturas conversacionais, os pressupostos, etc. Tem-se a impressão de que a semântica já tratou de tudo o que se refere à compreensão do significado na linguagem. Ao tratar de um tópico, outros aparecem em plano secundário e, depois de um breve reconhecimento, são abandonados. A ideia de expectativa é um aspecto do significado linguístico que aparece com algum destaque em alguns casos, como nos pressupostos e nas conotações. Todavia, ela própria ainda carece de uma teoria própria, porque não se confunde com esses outros significados já descritos pela semântica tradicional. Trata-se de um campo que ainda precisa ser pesquisado com cuidado, explorado, analisado e organizado em uma teoria própria. A razão para isso é que a expectativa se diferencia de outras formas de subentendidos, não apenas pelo modo como aparece nos enunciados, mas também no significado do jogo interativo da linguagem, do discurso, enfim, da própria existência da linguagem. Nesse sentido, a expectativa é um fenômeno muito mais mental do que comunicativo. É um construto da mente de quem fala ou da mente de quem ouve ou de ambos, diante de um enunciado não explícito, mas que se espera seja razoável do ponto de vista do falante e dedutível do ponto de vista do ouvinte. Grande parte do que se refere à expectativa não aparece diretamente nos enunciados falados, porque é apenas pensada. Poder-se-ia dizer que a expectativa é um jogo de adivinhação. Ela não é uma comunicação direta, mas uma forma consciente de a mente do falante ou do ouvinte julgar algum pensamento. As pessoas não costumam revelar suas expectativas. É parte da comunicação que vai escondida em um anexo. Entretanto, está sempre presente, porque as pessoas se apoiam o tempo todo

nelas para fazer hipóteses sobre tudo o que pensam, sentem, veem, falam e ouvem (escrevem e leem). Aprender é uma forma de dominar as expectativas diante de algo novo. A expectativa mostra que a mente junta pensamentos, cria argumentos com eles e tira conclusões que são usadas na comunicação comum. A linguagem é essencialmente argumentativa porque está intimamente ligada a um processo de avaliação através das expectativas.

Uma teoria da expectativa tem a ver exatamente com o que falante e ouvinte esperam da semântica de um enunciado ou de um texto. Não se trata exatamente do que um enunciado diz ou quis dizer, usando palavras e recursos linguísticos tradicionais, mas de um efeito de sentido que é criado pelos falantes e ouvintes, a partir de deduções que estão apenas na mente deles e não fazem parte dos elementos semânticos tradicionais dos discursos.

7 Os interlocutores e os resultados

Como a expectativa é uma linguagem mental, isto é, nem sempre aparece expressa pela fala, somente uma introspecção pode identificá-la. É uma espécie de pensamento conversando consigo mesmo na mente das pessoas, em muitos casos. Isso pode acontecer na mente do falante ou do ouvinte. No caso do falante é sempre uma razão pela qual ele pensa e fala (ou escreve). No caso do ouvinte é sempre uma avaliação ou uma interpretação do que ouviu (ou leu).

Em ambos os casos, o pensamento do ouvinte não precisa coincidir com o pensamento do falante ou vice-versa. Não raramente, a expectativa do falante não é interpretada corretamente pelo ouvinte, o que pode gerar uma discussão. Alguns diálogos servem para ajustar as expectativas, uma vez que o literal da comunicação não é transmitido de modo completo e claro. Para evitar dúvidas ou incertezas, muitas vezes, o falante prefere introduzir suas ideias de modo já declarado com uma expectativa: "eu acho que, eu acredito que, você pode fazer isso, você deve fazer aquilo", etc.

Da parte do ouvinte (leitor), a situação ou é de pedido de esclarecimentos, de contestação ou é,

simplesmente, uma reflexão, que nem sempre é revelada. Toda interpretação de texto é um exercício de adivinhação do que se passa na mente do escritor ou do falante. Isso é feito de acordo com muitos recursos linguísticos: lexicais, semânticos, estilísticos, etc. Isso mostra que o sentido de um texto pode ser diferente na mente de quem o criou com relação ao que é interpretado na mente de quem ouve ou lê.

8 O tempo

A representação da noção de tempo na linguagem é feita comumente através de morfemas verbais e de advérbios. No exemplo "Amanhã vou a Londres", o advérbio "amanhã" define o tempo do enunciado, revelando quando a ação vai ocorrer. O fato de o verbo trazer um morfema de tempo presente no verbo "vou" mostra que o falante prefere tornar a ação mais realista, como se estivesse acontecendo no momento em que fala. Essa ideia não aparece no exemplo: "Amanhã irei a Londres". Neste caso, a coincidência de tempo do advérbio e do morfema verbal deixa clara a localização temporal do evento. Essa disputa entre os advérbios e os morfemas verbais de tempo faz oscilar o tempo nos enunciados. Essa questão é muito interessante, principalmente, quando se levam em considerações os estudos físicos modernos sobre o tempo. Se do ponto de vista físico é complicado localizar alguma coisa na dimensão tempo, quando não ligada à dimensão espaço ou ao movimento, do ponto de vista linguístico, as línguas descobriram inúmeras maneiras de "enganar" o tempo. Para entender um pouco melhor, é preciso recorrer ao cérebro e à mente.

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que o cérebro capta as informações em tempo real, sendo a única realidade do presente. Como o presente é efêmero, sua dimensão só pode ser entendida em função do passado e do futuro. O passado é uma memória, coisa com a qual o cérebro lida bem. Quando vejo uma laranja, ela existe diante de mim, no mundo exterior a mim. O cérebro capta essa realidade e imediatamente a coloca na memória. Colocando a laranja na sacola, a fruta desaparece dos meus

sentidos e, para mim, ela não existe mais, a não ser como uma lembrança. As coisas da memória têm credibilidade suspeita, como o gato de Schrödinger². Na prática, achamos que as coisas continuam como sabíamos que eram a não ser que tenhamos uma razão específica para pensar o contrário. Fazemos isso com as pessoas: elas saem de nosso alcance sensorial, passam para a memória, mas continuamos acreditando que elas existem como as representamos em nossa memória. Mas, na verdade, nada garante que isso seja verdade, porque elas não estão no nosso presente, mas no nosso passado, como tudo o mais que memorizamos na vida.

Essa recuperação da realidade tirada da memória passada é uma atividade tipicamente da mente e não do cérebro. A mente organiza a memória de muitas maneiras e usa esses esquemas para fazer o pensamento acreditar na realidade. A ideia de expectativa deste trabalho é um construto mental que se projeta num futuro criado pela linguagem. No exemplo: "Eu penso que vou a Londres", além da informação "ir a Londres", o falante, de certo modo, descreve uma ação futura, como se ele estivesse presenciando o fato ou participando dele. As expectativas são modos de viver no futuro, porque acreditamos ou queremos acreditar que algo muito certo vai acontecer. Trazemos o futuro para nossa mente e falamos a respeito dessa realidade.

9 Análise de um caso

A surpresa é um fato diretamente ligado à ideia de expectativa. Podemos definir a surpresa como uma expectativa não esperada, mas realizada. É diferente da frustração, que também é uma expectativa, mas não realizada. Podemos começar descrevendo o que se passa na mente do falante e do ouvinte. O falante tem várias ideias a respeito de um assunto. Algumas dessas ideias são esperadas, ou seja, é natural que elas sejam realizadas. Esse grau de naturalidade tem a ver com o interlocutor. O que pode ser natural para uma pessoa pode ser estranho ou surpreendente para

²Veja, na Internet, a experiência conhecida como "O gato de Schrödinger".

outras. Vamos supor que o falante queira informar seu interlocutor a respeito das vendas da firma. Tendo em vista a história de vendas, há uma expectativa natural com relação a uma quantidade de vendas mensais. Vamos supor que a loja venda 1.000 pares de sapatos. O dono da loja foi viajar e o gerente teve problemas de venda. Ao chegar, o gerente informa o dono que vendeu somente 400 pares. Essa informação quebra uma expectativa e causa surpresa. Vivemos em função de expectativas, mas na mente do ouvinte, aquela notícia não era esperada.

A surpresa está justamente no fato de o ouvinte não esperar uma informação, porque, em sua mente, tal informação não corresponde a uma expectativa, ou seja, a um pensamento que a pessoa processa ou processaria, tendo em vista uma história de vida. O exemplo da surpresa mostra como pensamos, como pensam nossos interlocutores e o efeito que tem no que é dito. Não está em jogo o literal nem estão em jogo as formas de não dizer da linguagem, como a pressuposição, as implicaturas, etc. Num outro contexto, em que a firma vai de mal a pior, a notícia da grande redução nas vendas de sapato poderia ser vista como uma expectativa esperada. Portanto, além do literal, das atitudes do falante, carregadas pela prosódia, das formas de subentendidos, dos atos de fala e de outras formas de explicação semântica e discursiva, existe um processo de pensamento que avalia o que se vai dizer. O que se diz vem com essa marca. Como se trata de um processo de avaliação e de escolha, nem sempre o enunciado causa o efeito esperado. O falante pode achar natural dizer algumas coisas e o interlocutor interpretá-las como surpreendente. A presença do homem na fala não aparece apenas no fato de haver uma enunciação, como dizia Benveniste (1976), mas também pelas escolhas que o falante e o ouvinte fazem dos julgamentos de expectativas associadas ao enunciado.

Assim como a surpresa, há outros temas para serem pesquisados, como a decepção, a frustração, a suposição, o discurso dos visionários, dos religiosos e dos cientistas. Esses temas têm em comum o fato de haver uma expectativa como denominador comum. É

um modo de organizar o pensamento antes de falar ou um modo pessoal do ouvinte de interpretar o que ele ouviu.

9 Concluindo

Um estudo, a partir da teoria da expectativa, poderia categorizar palavras e expressões adequadamente com relação ao fenômeno. Poderia explicar como a mente funciona através de estudos sobre como as línguas introduzem expectativas nos enunciados. Uma teoria da expectativa precisa lidar com um sistema complexo e suas implicações, como a entropia. As considerações apresentadas mostram o que se entende por uma teoria da expectativa, captando um sentido que, tradicionalmente, costuma aparecer misturado com outros. Essa é a razão pela qual esse aspecto do significado linguístico das palavras tem sido pouco explorado e é, em geral, interpretado juntamente com outros sentidos que as palavras e que os enunciados têm.

Numa primeira abordagem, podemos ver as expectativas como ações do falante, quando ele tem a intenção de significar alguma coisa a mais, não dita, nem pressuposta, mas desejada, ou como expectativas do ouvinte / interlocutor, ou seja, da pessoa que vai interpretar algo processado, pensado e transmitido no processo comum de comunicação. Podemos fazer uma rápida busca por palavras que se caracterizam pelo fato de sinalizarem aos usuários que existe uma expectativa que vem em “anexo”, que indica que o falante tem algo a mais na sua comunicação ou que o interlocutor procurou preencher, a partir de sua experiência linguística e de vida.

O presente trabalho mostrou um fato semântico, definido como expectativa, que não é explicado de modo adequado sob nenhum rótulo tradicional da semântica. Trata-se de um significado que nasce na mente das pessoas sem estar ligado a um discurso já formulado. Portanto, é um sentido a mais que ocorre na comunicação entre pessoas ou apenas na mente de quem fala ou nas interpretações pessoais de quem ouve. É uma nova fonte de

significação que só se revela quando expressa na fala, mas que pode ficar oculta na mente. É um pensamento que não é para ser falado diretamente, mas que pode ser deduzido a partir de certos discursos e das circunstâncias em que um discurso acontece. Uma expectativa pode ser particular de uma pessoa ou pode existir numa sociedade, sendo compartilhada por grupos de pessoas.

A expectativa pode ser confundida com outras noções semânticas. Ela é encontrada em todo tipo de enunciado ou de discurso, de uma forma ou de outra, no falante ou no ouvinte. Nós só pensamos porque criamos expectativas. Esse é o segredo da comunicação verbal. A ideia de expectativa ajuda a dar sentido a muitas afirmações da semântica cognitiva. A própria ideia de metáfora exige um pensamento anterior, uma expectativa de resultados.

Finalmente, será que o tema deste trabalho se presta a ser objeto de uma teoria semântica específica, ou será que as que já existem conseguem explicá-lo? É uma pergunta importante, mas não tão sempre relevante. Uma teoria se forma somente depois que há um volume razoável de trabalhos e quando os possíveis contraexemplos já foram eliminados. No caso da expectativa, estamos apenas levantando fatos relevantes e possíveis explicações. Infelizmente, nota-se que a ideia de expectativa tem sido pouco estudada como um fenômeno semântico e discursivo.

Referências

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Editora Nacional. 1976.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

CHIERCHIA, Genaro. *Semântica*. Campinas/Londrina: Editora Unicamp/EDUEL. 2003.

DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. Paris : Hermann. 1972.

FAUCONNIER, Gilles ; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books. 2002.

FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (eds.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin. 1982, p. 111-137.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

SALINGER, Jerome David. *The Catcher in the Rye*. New York. Little, Brown and Company. 1951.

SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press. 1969. (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 13/01/2014, p. 2 – artigo de Gustavo Patu).